

PRÁTICAS CORPORAIS NUM AMBIENTE RURAL AMAZÔNICO

Dndo. GLÁUCIO CAMPOS GOMES DE MATOS

Faculdade de Educação Física (FEF)
Universidade Federal do Amazonas (Ufam)
Doutorando FEF-Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
E-mail: glauciocampos@bol.com.br

Ph.D MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA

Faculdade de Educação Física (FEF)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as práticas corporais – cultivo do solo e o extrativismo da pesca, caça e produtos das florestas – em comunidades rurais de Boa Vista do Ramos, a cerca de 17 horas de Manaus por via fluvial ou em barco de linha. As práticas são desenvolvidas em ambiente terrestre e aquático, baseado num tempo natural e cíclico. Os procedimentos etnográficos, com pesquisa participante, fotografias, conversas, permitiram captar como os homens se relacionam com seu meio ambiente, desenvolvendo atividades de baixa à moderada intensidade, contínuas ou intermitentes, na busca de melhor qualidade de vida. Mostra-se a adaptação ao clima quente e úmido e a relação do homem com o ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas corporais; meio ambiente; educação física.

INTRODUÇÃO

As grandes questões ambientais são temas pouco comuns na educação física, talvez por esta tratar de assuntos especificamente sobre o corpo, voltados para o ambiente urbano, como é tradição: *performance* física, emagrecimento, treinamento desportivo de atletas, saúde corporal, medidas e avaliação, lazer, entre outros. Nesse sentido, encontra-se distante a discussão na qual permeia a relação corpo e meio, mas não distante de compreender que o corpo em suas ações interfere sobre o ambiente, para mais ou para menos, ou melhor, preservando-o ou aniquilando-o.

Sem dúvida, se a educação física almeja contribuir para a discussão ambiental, mais especificamente no meio rural do Amazonas, há necessidade de entender as práticas corporais que lá se desenvolvem, pois, se não houver reflexão, o corpo, em suas ações, será apenas um objeto manipulável, como na concepção dicotômica apresentada na definição de técnicas corporais, “[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (MAUSS, 1974).

Para falar das práticas corporais num ambiente rural amazônico, é importante informar o leitor sobre as particularidades da região, uma vez que o rural no Sul e Sudeste do Brasil não pode ser comparado com o rural do Norte. Nas referidas regiões, concorda-se que fica mais difícil, por conta do avanço das grandes cidades, estabelecer a fronteira onde termina o urbano e inicia o rural (CANEIRO, 1998).

No Amazonas, são comuns áreas rurais onde seus habitantes detêm uma cultura e um saber tradicional e que fazem do meio ambiente elemento essencial para a reprodução da vida. Nesse caso, em virtude das necessidades advindas do capitalismo, concorda-se com o fato de não só as sociedades urbanas industrializadas causarem desequilíbrio ambiental, mas também as não industrializadas (FOLADORI; TAKS, 2004), em processo longo, cego (ELIAS, 1994), com suas técnicas e seus artefatos simples de trabalho, cujo corpo é o elemento principal pelo qual a ação se concretiza.

Assim, imagine navegar pelos rios amazônicos, onde se observa, na época da cheia, conforme o barco desliza sobre a vastidão de suas águas, furos ou igarapés, como são chamados na região, aparentemente insignificantes. Ao ser explorado, o fluxo de água abre-se em grandes lagos com potencial pesqueiro, flora e fauna riquíssimas, exuberante paisagem e habitações nas duas margens do lago. São as comunidades ribeirinhas ou rurais, como nós da zona urbana as identificamos, ou simplesmente gente do interior, como eles se identificam.

O estudo concentra-se na comunidade rural Nossa Senhora de Fátima no Igarapé Açu, no lago do Massauari, e na comunidade Sagrado Coração de Jesus, no

Rio Ipixuna, subordinadas ao município de Boa Vista do Ramos, no Baixo Amazonas, cerca de 270km de Manaus em linha reta. O transporte é fluvial, em torno de 17 horas de Manaus fica a sede do município. As comunidades situam-se a cerca de 3 horas da sede. Os procedimentos etnográficos (GEERTZ, 1989), a observação participante e as entrevistas possibilitaram-nos captar informações sobre as atividades corporais – cultivo do solo e o extrativismo da pesca, da caça e de produtos da floresta – dos habitantes dessas comunidades, as quais “são desenvolvidas em ambiente terrestre e aquático acompanhando a enchente e a vazante do rio, em períodos de chuvas ou de estiagem, com base em um tempo natural e cíclico” (MATOS, 1996).

Aproveita-se para fazer menção a Tuan, quando se reporta ao pouco que se sabe sobre a atitude do agricultor para com a natureza. “O que existe é uma vasta literatura, em grande parte sentimental, sobre a vida rural, escrita por pessoas com mãos sem calosidade” (TUAN, 1980). Nesse sentido, o que dá suporte a este texto é a experiência de campo. Como pesquisador, tenho vivenciado e buscado entender o cotidiano, as peculiaridades da zona rural há mais de 20 anos, na qual pude compartilhar momentos de alegria e tristeza com seus habitantes; momentos de paz e de conflitos. E nestes últimos dez anos, as pesquisas vêm sendo desenvolvidas com a orientação, no mestrado e doutorado, pela co-autora deste trabalho.

PROCESSOS ADAPTATIVOS

Falar sobre práticas corporais valendo-se da articulação entre educação física/ciências do esporte e meio ambiente, no mínimo, instiga-nos. E, aqui, não se trata de esportes de aventura, mas a experiência das andanças pelos rios, lagos e florestas amazônicas. É nesse ambiente que as anotações são feitas sobre as práticas de populações ribeirinhas do universo amazônico, nas quais o “cultivo do solo e o extrativismo da pesca, da caça e outros produtos regionais” são atividades essenciais para manutenção da vida e reprodução familiar, e são essas práticas que se *elegeram* como objeto de estudo e para tanto se pergunta: por que é importante a educação física entender o homem amazônico em suas práticas?

A preocupação em níveis educacional, social e de saúde dos governos federal, estadual e municipal com populações residentes na zona rural leva-nos, cada vez mais, a procurar compreender essas pessoas, principalmente os desafios corporais com que enfrentam o meio ambiente, por meio de um enfoque biológico, mas com repercussão sociocultural.

O diálogo corporal que permite ao homem viver em um ambiente de clima quente e úmido, como no Amazonas, não é tão simples, o que leva a exigências de

respostas adaptativas, pois adaptação é “uma modificação na estrutura ou na função que habilita o organismo a sobreviver e reproduzir”, é uma “mudança pela qual o organismo supera os desafios da vida” (LASKER, 1969). Evidencia-se que a adaptação humana ocorre em dois níveis: filogenético e ontogenéticos (WEISS; MANN, 1981; MORAN; 1994).

O filogenético são modificações gênicas ou evolutivas que vêm ocorrendo há milhares de anos, isto é, substituindo indivíduos menos adaptados (seleção natural) por outros mais adaptados em um meio ambiente. As modificações evolucionárias são lentas e tornam-se imperceptíveis aos olhos do senso comum, mas a ciência mostra-nos que ela é ininterrupta e acompanha as mudanças ambientais.

Paralelamente às mudanças gênicas, ocorrem, em curto e médio prazo, os ajustes ontogenéticos, os quais envolvem a plasticidade humana, respostas fisiológicas, comportamentais, culturais e sociais; portanto, entende-se que a adaptabilidade humana implica um contínuo processo de aprendizagem, implícito na seleção de genes e explícito nas respostas fisiológicas e nas relações comportamentais, sociais e culturais.

Agrupam-se os níveis de adaptação humana em (MORAN, 1994; McELROY; TOWNSEND, 1979):

- aclimatação: resultado de curto prazo, isto é, os estímulos após serem cessados, as respostas são reversíveis.
- ajustes de desenvolvimento ou plasticidade humana: respostas irreversíveis, dependendo do tempo e duração. Elas ocorrem durante o crescimento e o desenvolvimento e “é durante esse período que o organismo humano é capaz de se moldar às condições ambientais predominantes” (MORAN, 1994), o que se chama *plasticidade genética* e que se compreende a capacidade dupla do material genético, ou seja, em situação de estímulo, uma capacidade pode vir a manifestar-se, desde que tenha em seu patrimônio hereditário tais características.

O terceiro nível são as estratégias culturais de vestuário, abrigo e comportamentais e estão entre os mecanismos reguladores mais comuns. Eles aumentam as possibilidades humanas de sobreviver e viver com relativo bem-estar em ambientes variados (MORAN, 1994; McELROY; TOWNSEND, 1979; GOULD, 1991).

Tais níveis ou ajustes ao meio ambiente contribuem de uma forma ou de outra para que seres, especialmente os humanos, pelo mesmo estímulo, reajam de formas diferentes. Há aqueles que estão bem adaptados a determinadas áreas, mas não estão a outras: “Adaptação implica numa antítese: se de uma maneira é adapta-

tiva a um local, de outra maneira é menos adaptativa ou não adaptativa a outro local" (LASKER, 1969).

Sobreviver nos mais variados meios, em constantes mudanças, exige do ser humano respostas dinâmicas. Estas, por sua vez, dependem do estado de equilíbrio ou homeostasia do corpo, que é regulado pelo sistema nervoso central. Nesse caso, os estímulos externos são considerados, em condições extremas, agentes estressores do organismo, tais como: frio e calor extremos; radiação ultravioleta; excesso ou deficiência de nutrientes; baixa ou alta umidade; substâncias tóxicas ou produção de organismos nocivos.

Essa interação com o ambiente ocorre por intermédio de canais sensoriais que levam informações (visuais, sonoras, olfativas, sensitivas) ao sistema nervoso central, o qual se incube de selecionar, de acordo com o grau, as mais importantes para aquele momento. Dessa forma, os sensores são elementos importantes para que a adaptação se instale.

Citam-se, como exemplo, pessoas altamente treinadas – atletas – que desenvolvem bradicardia. Nesse caso, a "aprendizagem" do coração é de economia de energia e o inverso é verdadeiro quando comparado a pessoas sedentárias ou animais confinados, que em qualquer esforço mostram sinais de cansaço.

No caso da termorregulação, em baixas temperaturas, o organismo desencadeia mecanismo de vasoconstricção periférica, piloereção, tremor, diminuição da sudorese e, em temperaturas elevadas, ocorre o contrário: aumento da sudorese e vaso dilatação periférica (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001).

Se de um lado os ajustes fisiológicos não acompanham com tanta rapidez as mudanças ambientais, então, a construção de abrigo e vestuário permite aos humanos enfrentar as mudanças ambientais.

ADAPTAÇÃO AO CALOR

Os habitantes da área em estudo convivem sob ação de agentes estressores – altas temperaturas e umidade relativa do ar elevada. Para eles, seria desastroso se não desenvolvessem atividades de baixa a moderada intensidade, contínua e intermitente, sempre em busca do equilíbrio térmico e de economizar energia (MATOS, 1996).

A exposição prolongada ao frio ou ao calor, deixando a temperatura do corpo abaixo de 24°C ou acima de 45°C, é fatal. Na busca de evitar a fatalidade, o corpo possui vias de transferência de calor pelas quais mantém o equilíbrio térmico: produção de calor como um subproduto dos metabólicos e pela perda de calor

para o ambiente. No entanto, a intempérie propicia que o calor possa ser *recebido ou liberado* por condução, convecção ou radiação e pela evaporação (MORAN, 1994; McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001; WEINECK, 1991).

Com relação às mudanças climáticas, enfatiza-se que são detectadas, primeiramente, por receptores térmicos localizados na pele, levando informações ao hipotálamo, responsável pela termorregulação do corpo.

A temperatura interna passando dos 41°C pode desestabilizar o sistema nervoso central, principalmente, quando os indivíduos não estão aclimatados e são submetidos ao exercício. Dessa forma, o estresse térmico traz complicações sérias ao organismo humano: câibras, exaustão induzidas pelo calor e choque térmico (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001).

Pesquisas mostram que qualquer desporto ou atividade física é potencialmente perigosa em termo de enfermidade induzida pelo calor. Portanto, é necessária atenção para alguns sinais que indicam estresse térmico, como sede, cansaço, tontura e distúrbios visuais (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; FOSS; KETEVIAN, 2000).

A câibra induzida pelo calor é mais freqüente em indivíduos não-aclimatados e ocorre durante ou logo após uma atividade física intensa. Acredita-se que seja provocada pelo desequilíbrio nas concentrações de líquidos e eletrólitos e sua prevenção vem pela ingestão moderada de água e sal nos dias que precede o período de estresse térmico (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001).

A síncope induzida pelo calor ocorre habitualmente na pessoa não-aclimatada e recomenda-se, como tratamento imediato, a ingestão de líquidos (POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000).

Quanto à exaustão térmica, divide-se em depleção de água e depleção de sal e tem como características sudorese profunda, língua e boca seca, pele fria e úmida, pulso fraco e rápido, cefaléia, náusea, fraqueza generalizada, síncope e câibras musculares. Essa situação exige interromper a atividade física, remover o indivíduo para ambientes com sombra, mais frescos e ventilados, forçar a ingestão de água, colocar os pés do indivíduo com 30 a 45cm de elevação, massagear as extremidades delicadamente e encaminhar ao médico (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001).

No que se refere à intermação, com a temperatura corporal chegando ou passando dos 41°C, apresenta-se, geralmente, sem sudorese, pele seca e quente, observa-se flacidez muscular, movimento involuntário dos membros, convulsões e coma, vômito, diarréia, taquicardia e, possivelmente, morte. Como é uma emer-

gência, sugere-se que se faça fricções com álcool, aplicação de compressas geladas e imersão corporal total em água fria ou até mesmo gelada (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998). Deve-se transportar o indivíduo a um hospital, remover o máximo possível das roupas, resfriá-lo rapidamente, começando pela cabeça e continuando em direção à parte inferior do corpo. Utilizar qualquer meio possível (ventilador, esguichar com mangueira ou envolver com gelo) e transportá-lo em lençóis frios e úmidos e, se houver dificuldade respiratória, colocá-lo numa posição semi-reclinada (POWERS; HOWLEY, 2000).

Estudos (LASKER, 1969, p. 1.483) mostram que não há um consenso entre autores de que a pele escura ou pele bronzeada seja adaptada ao clima quente. Entretanto, mostra-se que

[...] pele clara reflete mais calor radiante, a pele escura deve proteger melhor a pele. Dentre outras coisas, pele escura inibe queimaduras do sol, e a queimadura do sol interfere com o controle do suor. A pele escura é menos susceptível ao câncer, e prevê-se mais síntese de vitamina D. Em zonas com muito sol no verão e pouco no inverno, a possibilidade de se bronzear seria portanto uma vantagem.

A adaptação humana ao clima quente seco é diferente da solicitada pelo clima quente e úmido, ou seja, a associação de temperaturas altas e umidades relativas do ar elevadas dificultam a evaporação do calor do corpo e, conseqüentemente, o seu resfriamento (WEISS; MANN, 1981; MORAN, 1994; McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001; WEINECK, 1991).

As referências fazem-nos entender que os moradores da área investigada, quando em período de trabalho de cultivo do solo (roçado, derrubada da mata, queimada) para o plantio da mandioca, em dias quentes, com pouca movimentação do ar e o uso, por alguns, de roupa em excesso para proteger de mosquitos, espinhos e arbustos cortantes, bem como aqueles que estão com peso acima do normal, reclamam constantemente do calor corporal, buscando ingerir água e procurar sombra.

A perda de calor por irradiação, condução e convecção é comprometida pelo “mau” tempo, ficando a cargo da evaporação essa função essencial para a termorregulação corporal, pois ela é a principal defesa fisiológica contra o superaquecimento (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001).

Os autores comentam que a evaporação do suor da pele depende de três fatores: das correntes convectivas em torno do corpo, da quantidade de superfície cutânea exposta ao meio ambiente e da temperatura e da umidade relativa.

Quando o dia é quente e úmido, a pressão do vapor do ar é próxima à pressão do vapor da pele úmida, fazendo com que a taxa de evaporação seja extremamente reduzida, isto é, o que vai fazer resfriar o corpo não é a transpiração com perda de água desnecessária, mas sim a evaporação dessa água. Portanto, em ambiente quente e seco, a perda de calor por evaporação é mais eficaz.

Em contrapartida, os ajustes culturais são relevantes, pois as populações que habitam as florestas tropicais têm localizado suas “residências em elevações do terreno próximas a uma fonte de água”. Com relação ao vestuário, é observado que “o uso de pouca roupa minimiza o calor do corpo e proporciona o máximo de área superficial para a evaporação do suor” (MORAN, 1994).

Cita-se que o vestuário para ajudar na dissipação do calor deve ser do tipo camisetas reticuladas de mangas curtas, folgadas e de cores claras, e que, em dia quente e úmido, não convém exercitar-se sem uma camiseta, pois a radiação direta e refletida proveniente do Sol, e que incide na pele, pode facilitar o ganho de calor. É aconselhável usar tecido de algodão de cores claras; isso permitirá a permuta de calor e limitará a absorção de calor graças à radiação solar (MCARDLE; KATCH; KATCH, 1998; FOSS; KETEYIAN, 2000).

Com relação às atividades corporais realizadas em clima quente e úmido,

[...] segundo observações feitas por psicólogos, os povos tropicais “agem de forma mais eficaz” e não se deixam ficar superaquecidos. Após o meio-dia, principalmente após as duas horas, a maior parte dos povos tropicais evita o trabalho pesado e se dedica a atividades relativamente leves em locais com sombra (MORAN, 1994, p. 339).

Esse fato nem sempre ocorre entre os moradores da área pesquisada, pois, na época de preparação do roçado, não se dão ao luxo de trabalhar só pelo período matutino. Mas sabem eles que, em dias quentes, são nas primeiras horas do dia que há maior rendimento corporal, bem como em dia nublado com pancadas de chuvas. No período vespertino, observa-se quanto é baixo o rendimento das pessoas. Além disso, entender as adaptações fisiológicas ao clima quente e úmido torna-se importante não só para compreender as ações corporais das pessoas da área de pesquisa, mas para alertar os pesquisadores desatentos e os visitantes que poderão estar sob o mesmo efeito estressor do ambiente.

ATIVIDADES CORPORAIS E TEMPO CÍCLICO

No decorrer dos anos, a observação participante proporcionou constatar que as práticas corporais na área pesquisada são ricas por serem diversificadas, permitindo suprir necessidades básicas. Pela regência do tempo natural, essas atividades vão sendo desenvolvidas de acordo com as manifestações da natureza, po-

rém, marcando no calendário o tempo de vazante do rio e estiagem ou enchente do rio e chuvas que podem proporcionar fartura ou escassez de alimento, bem como as épocas adequadas para plantios diversos, variedades de caça e pesca e a extração de produtos da floresta.

Nessa relação com o tempo natural, os homens manifestam suas práticas corporais, porém, é no calendário que pontuam sua organização fora e dentro dessas comunidades, “mas, enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é, sobretudo um objeto social” (LE GOFF, 1992).

Cronologicamente, o homem se preocupa com a época da cheia e da vazante do rio, identifica tempos de fartura e de escassez de alimentos. Contudo, a natureza sempre foi a sua principal referência. Basta entendê-la e programar-se para desempenhar as ações especializadas tanto em ambiente terrestre quanto aquático.

Atento aos referenciais naturais, o homem do interior marca no calendário a cheia do rio que inicia entre 2 e 12 de novembro, tendo seu pique máximo entre maio e início de junho. No início da cheia, existe muita terra fora da água: são as ilhas, trechos de várzeas, grandes pontas de terra. Isso implica dizer que as passagens de um lago, cabeceira ou rio estão bloqueadas, levando as pessoas a percorrerem, tanto por água quanto por terra, maiores distâncias para chegar aos seus destinos. Mas, no início de janeiro, intensifica-se a cheia do rio e os “furos” começam a aparecer, facilitando o deslocamento dessas pessoas, levando-as a áreas de pesca, de caça, roçado, à escola, à casa do compadre ou ao porto de retirada de madeira. Momento ótimo para exploração desse produto.

No período da seca do rio, observa-se que se intensifica o caminhar dos habitantes dessas comunidades, pois as áreas de atividades se distanciam, o que implica dizer que o perfil das práticas desenvolvidas muda durante todo o ano, buscando ajustar-se ao ambiente, ou seja, o homem inserido nesse meio natural não “faz o tempo”, não consegue apressar a natureza, mas sim espera que ela, mais lenta em sua produção natural, “[...] respeite o seu próprio fazer do tempo” (D’OLNE CAMPOS, 1994), isto é, de tempos em tempos, manifeste-se com seus animais, flores, frutos etc.

Estando as pontas de terra fora d’água, assim como as praias, chega o tempo da desova dos tracajás¹ (*Podocnemis unifilis*) e as pessoas percorrem essas áreas para retirar ovos para consumo e comercialização.

Na enchente, com o aparecimento dos furos, é muito difícil para os moradores, em certas ocasiões, chegarem a seus destinos sem o auxílio da canoa. Assim,

¹ Quelônios conhecidos: tartaruga da Amazônia (*Podocnemis expansa*), jabuti (*Geochelone denticulata*), cabeçudo (*Peltecephalus tracaxa*), matamatá (*Chelus fimbriatus*).

enquanto, na seca, atravessam, em determinados momentos, de um lado para outro por terra para encurtarem as distâncias, na cheia, ganham tempo utilizando a canoa, ou seja, o homem do interior busca driblar estrategicamente a complexa geografia amazônica. Portanto, a proporção do remar e do caminhar está relacionada com as estações do ano e as atividades que desenvolverão no dia-a-dia.

No final de janeiro, ainda no início da enchente, começa a escassez de peixe, intensificada no mês de fevereiro e março. Ao comentar-se sobre a pescaria em rios de água preta, afirma-se que: “quanto mais alto estiver o nível do rio, menor é o sucesso da pesca” (MORAN, 1991). Os ribeirinhos sabem e convivem com isso.

Entre fevereiro a março, há o amadurecimento do arroz-de-marreca (*Oryza glumaepatula*), que proporciona a caçada ao pato-do-mato (*Cairina moschata*), associada à pescaria de pacu (*Myleus sp.*).

Os peixes acompanham a enchente do rio e vão adentrando os igapós². Para capturá-los, os pescadores devem possuir conhecimentos da área e pôr em prática suas habilidades corporais e, nesse caso, o domínio da técnica de pescar de caniço e arco e flecha possibilita bons resultados.

Enquanto o aparecimento do pescado diminui, a ação do homem, para o desempenho dessa atividade, aumenta. E, nessa época, com a associação do trinômio enchente, chuva e luar, há períodos de fome. Entretanto, no final de janeiro, inicia-se a safra da castanha amazônica³ e sua coleta intensifica-se no mês de fevereiro, prolongando-se até março/abril. Nesse período, há o desempenho na coleta e quebra de ouriços para fins de comercialização e consumo.

A castanha é coletada não só próxima às residências, mas também nos castanhais na floresta. É nesse ambiente que alguns coletores se aventuram em busca do produto. Esses homens são conhecedores da floresta e do comportamento dos animais, dominam a técnica da caçada, e ao adentrar nesse meio, percebe-se, claramente, suas intenções: trazer mais castanha e abater animais silvestres. Eles sabem que tanto um quanto outro lhes trarão retorno econômico, alimentação e prestígio em sua comunidade.

O aparecimento de outras frutas silvestres como o pequiá⁴, uxi, que também se utiliza como alimentação humana, atrai animais, que são caçados e servem de alimento ou objeto de negociação.

² Mata inundada durante a enchente do rio.

³ Castanha: fruto da castanheira (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl).

⁴ Piquizeiro: *Caryocar villousum* (Aubl.) Pers.; uxi liso: *Endopleura uchi* (Huber) Cuatr. (= *Sacoglottis uchi* Huber); uxi coroa: *Duckesia verrucosa* (Ducke) Cuatr.

O conhecimento por parte do caçador dos hábitos alimentares e comportamentais dos animais permite a caçada em moitá⁵. Esse tipo de caçada, por ser principalmente noturna, possibilita que o homem desenvolva outras atividades durante o dia. Se não conseguir abatê-la, terá o dia para ir à procura de alimento. Entretanto, no período de luar, os caçadores, em sua maioria, não praticam essa atividade, pois os animais conseguem perceber sua presença e fica difícil abatê-los. Outro empecilho à caçada é o aparecimento de grande quantidade de carapanã⁶ (pernilongo), principalmente no luar, o que causa desconforto ao caçador, pois compromete sua técnica corporal e sua paciência. Mas, em dias em que os mosquitos são suportáveis, eles podem identificar a aproximação ou a chegada de uma caça embaixo da fruteira, pois vêm, em grande quantidade, sugar os animais.

Nos meses de setembro a dezembro, há abundância de peixes. Os moradores não se preocupam, pois, com a seca do rio, os peixes estão próximos de suas residências e não é preciso se deslocar grandes distâncias para capturá-los. Alguns se empenham na pescaria para comercializarem no mercado do município, que geralmente se encontra abastecido pela fartura, própria da época. Como a malhadeira é o instrumento principal de pesca, seu uso em grande escala, sem dúvida, provoca o desequilíbrio ambiental. Nessa época, enquanto há fartura de peixe, há menor desempenho corporal para essa prática. Sendo assim, os homens detêm-se em outras atividades importantes como o trabalho na roça e a colheita do guaraná.

No pico do verão, entre final de setembro e outubro, observa-se a animação dos caçadores para a prática da caçada em moitá em bebedouro. Nela, busca-se encontrar, principalmente, o veado (*Mazama americana* e o *Mazama gouazoubira*), caça bem aceita pelo paladar local, além de divulgar o nome do caçador, pois este conseguiu superar as qualidades inatas do animal para pressentir o perigo.

Essa caçada é interrompida por chuvas rápidas que deixam troncos e folhas cheias de água. Assim, os animais não se dirigem para o bebedouro. Entretanto, com três dias de sol intenso, a água esquenta e evapora, forçando os animais à busca do líquido precioso. Os caçadores esperam por esses momentos e retomam a caçada.

Nesse período de estiagem, pratica-se a caça à capivara (*Hydrochaeris hydrochaeris*) com cachorro, pelas ilhas, na área da comunidade Nossa Senhora de

⁵ Jirau para esperar a caça.

⁶ Encontrados: *Culex (Aedimus) sp.* e *Mansonia (Mansonia) indubitans*, capturadas diurnas; *Coquillettidia (Rynchotaenia) venezuelensi*, capturadas noturna e diurna. Não são vetores ou transmissores de malária e da leishmaniose.

Fátima. Entretanto, a caça intensa aos animais deixa-os ariscos e os afugentam da redondeza, sem, contudo, inibir a ação dos caçadores.

Mas tal prática não ocorre somente na seca. Aparecendo os furos, os caçadores percorrem grandes distâncias ou passam a noite à procura desses animais. Os vestígios são cuidadosamente explorados: marcas de suas patas pelas margens dos lagos e cabeceiras, capins como muri (*Hymenachne donacifolia*)⁷, seneoua (*Leersia hexandra*), perimembeca (*Paspalum repens*) cortados pelo seus afiados dentes. Tais sinais estimulam a perseguição a esses grandes roedores.

Na cheia, a atenção volta-se para a caçada na ilha por causa da concentração de animais em pequeno espaço físico. Pode-se dizer que, nesse período, há um aumento do consumo de proteína animal, de pêlo e pena nas comunidades, e o costume de se alimentar de carne de caça, também, entre os habitantes da sede do Município, faz intensificar a caçada na ilha, pois a caça abatida tem mercado certo na zona urbana.

Por volta de outubro a dezembro, quando a seca alcança seu pico, os moradores da comunidade Nossa Senhora de Fátima empenham-se na captura de tracajás que ficaram presos no barranco⁸.

A roça merece atenção especial por tratar-se da alimentação básica dos ribeirinhos, e possuir uma grande roça é motivo de orgulho dentro do sistema social. Todos os anos, como mostra outra pesquisa (WAGLEY, 1988), de julho a dezembro, o período é propício para preparar a roça, e é pela organização do puxirum ou ajuri⁹ que os moradores obtêm maior sucesso nessa atividade. Ter mandioca (*Manihot esculenta* Crant) o ano todo para fazer farinha é sinal de família organizada e trabalhadora.

Quando o rio vai secando, chega a época da caçada de canoa, feita à noite nos meses de julho e agosto. Esse é o período em que as frutas caem na água e são levadas para as margens dos rios. Os animais vêm à sua procura, sendo abatidos. Essa atividade exige boa técnica corporal, justamente porque é feita nas cabeceiras dos rios e o casco¹⁰ é conduzido entre árvores, precisando habilidade para isso; a discriminação auditiva do caçador é muito solicitada para perceber os ruídos dos

⁷ Identificados por Carlos Cid Ferreira e José Ferreira Ramos, do Herbário do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). O material encontra-se nesse herbário sob o n. 196139; 196142 e 196144, coleta número 2, 5 e 7 de Matos, G.G.

⁸ Amontoado de capim sob e sobre a superfície do rio que dificulta a navegação.

⁹ A organização do puxirum: anfitrião, cozinheiras, cortadores de maniva, cavadores, plantadores, distribuidores de maniva, aguadeira, carregador de água.

¹⁰ Tipo de canoa escavada em um único tronco de árvore.

animais. É bom chamar atenção: por ser uma prática noturna, ela é influenciada pelo aparecimento da lua.

A caçada de canoa começa num período em que os peixes estão sendo capturados com maior facilidade. Assim, o caçador sai preparado, também, para porongar¹¹, e o resultado implica diretamente a sua programação em outras atividades no dia seguinte.

Enfim, enquanto, na enchente, a geografia amazônica propicia uma grande vantagem aos peixes e animais aquáticos, desfavorece os terrestres que se concentram em pequenos espaços físicos. Na vazante do rio, os peixes ficam em desvantagem e os animais, pela grande extensão de terra, estão em vantagem. Da mesma forma, é no período chuvoso, que coincide com a subida das águas, que se planta e, na estiagem, derruba-se e queima. Portanto, o que importa é saber que o ribeirinho, em sua paciência, culturalmente assimilada, espera por cada época para, então, expressar-se com suas práticas corporais e se apropriar dos recursos naturais.

DISCUSSÃO

Em nossa pesquisa, ao longo desses 20 anos, observamos que o caboclo está ligado, pelos sentidos, a seu meio ambiente. Estes são “[...] instrumentos escondidos de observação e medida” (D’OLNE CAMPOS, 1994), que, treinados, informam o que se passa à sua volta. Nas florestas ou nos rios, estão visualmente atentos a qualquer movimento, a um odor que lhes chame a atenção, ao sabor de uma fruta, ao corpo liso de uma cobra ou ao toque sutil de um espinho. Mas são os ouvidos que os guiam, na escuridão da noite, em suas andanças pelos rios, lagos, cabeceiras, ou nas caçadas diurnas pela floresta; nas caçadas noturnas, esperando em moita ou com a utilização da canoa, enfim, num ambiente de “[...] paisagem sonora de alta fidelidade”, onde “cada som transmite sua informação” (SCHAFER, 1977), o caboclo, com sua percepção auditiva, sabe interpretar, com bastante fidelidade, seus significados, e, sobre esses, age conforme suas tradições e influências culturais, pondo em evidência suas técnicas corporais.

Da mesma forma, constatou-se que a diversidade das práticas corporais exercidas pelos moradores das comunidades é regida pelo tempo natural. Essas atividades vão sendo desenvolvidas de acordo com as manifestações da natureza – o subir ou descer das águas, chuvas ou estiagem – trazendo consigo fartura ou escassez de alimento, que é marcada e adequada ao calendário.

¹¹ Pescaria noturna feita com azagaia (tridente de ferro e cabo de madeira) e lanterna.

A prática da atividade física na sociedade ocidental contemporânea está vinculada à utilização do tempo livre, melhoria da saúde, treinamento atlético etc. Nas comunidades ribeirinhas, a ação corporal do homem está vinculada a questões de existência ou da reprodução familiar que se dá numa relação com o tempo cíclico. O trabalho, o grande organizador do tempo (THOMPSON, 1991), na sociedade industrial, é determinado pelo patrão, pelas leis; em contrapartida, nas sociedades estudadas, ele é influenciado pelo tempo natural, estação do ano, sazonalidade e necessidade de cada família. Dessa forma, a relação do homem com o seu corpo e deste com o meio não é a mesma nesses dois tipos de sociedade.

Nessas comunidades, o valor da atividade corporal está no domínio de habilidades especializadas que possibilitam ao homem melhor qualidade de vida, à medida que suas investidas pelos rios e florestas tenham resultados positivos, no que tange à prática da caça, pesca, coleta e, por conseguinte, o cultivo do solo. Numa área onde o homem ainda depende do meio ambiente para viver, a aptidão física indicada pela força, resistência cardiorrespiratória, muscular, equilíbrio, flexibilidade, entre outras, são importantes. Dessa forma, é praticamente impossível conceber sedentários, o que nos faz concordar quando se afirma que “populações voltadas para a subsistência possuem um VO_2 máximo mais elevado do que populações urbanas” (MORAN, 1994).

No trabalho de mestrado, foi verificado que os batimentos cardíacos de moradores dessas comunidades na situação de caçador, pescador, agricultor e coletor desenvolvem níveis de esforço de baixa para moderada intensidade, contínuos ou intermitentes, permitindo a permanência na atividade por tempos prolongados (MATOS, 1996).

Esses dados apontam a integração do homem amazônico com o meio ambiente. Um ser sedentário teria mais dificuldades de sobreviver naquela região. É importante realçar a importância do equilíbrio entre a aptidão física (massa muscular, capacidade cardiorrespiratória, força, equilíbrio), habilidade para a tarefa e o conhecimento do meio amazônico. Isso quer dizer que quanto menor a habilidade maior o gasto energético e menor o resultado.

Retomando os princípios da adaptação humana tratados anteriormente, a aclimação, o desenvolvimento e os ajustes culturais (McARDLE; KATCH; KATCH, 1998; POWERS; HOWLEY, 2000; FOSS; KETEVIAN, 2000; WILMORE; COSTILL, 2001) são de extrema importância para compreender como seus habitantes, vivendo num clima quente e úmido, continuam em processo de reprodução familiar e manutenção da vida.

Além disso, ao tratar das questões ambientais, pode-se observar que a população estudada, na verdade, interage com a natureza de forma que a enfrente. A adaptação cultural ao ambiente, do nosso ponto de observação, não é simples-

mente a convivência harmoniosa como muitos pensam. O simples fato de empunhar um facão afiado é para vencer a resistência ou a natureza do arbusto; o estilingue na mão de uma criança deve ser flexível para ser estendido, mas resistente o suficiente para matar o passarinho; caçar um animal requer, antes de tudo, entender sua natureza para poder superá-lo; não se pode atear fogo no roçado no período de chuva, ou, ainda, não se deve construir uma canoa com madeira branca, para que, em poucos dias, não esteja em decomposição sob a água. Em outras palavras, usam-se as forças naturais ou artificiais para vencer a própria natureza em prol da comodidade ou da melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Associar práticas corporais ao ambiente rural amazônico deixa-nos à vontade e, assim como os habitantes das comunidades investigadas, o pesquisador, se quiser ter uma visão fidedigna do cotidiano dos ribeirinhos, não deve estar na condição de sedentário, mas, no mínimo, aclimatado. Em outras palavras, se quiser entender corporalmente como se pesca, lança mão dos artefatos, embarca numa canoa e rema em busca do peixe: no rio, igapó ou lago; se quiser saber melhor sobre a prática da caçada, lança mão da arma e vai à mata, ao rio ou aonde estiver propício para essa prática; se quiser saber como carpir, então, lança mão do terçado ou enxada ou, ainda, se quiser saber sobre o efeito do uso do machado sobre a mão ou sobre o corpo, lança mão da ferramenta e, assim, aproxima-se da compreensão das práticas corporais vivenciadas pelos ribeirinhos a partir do tempo cíclico, bem como seu efeito sobre o meio ambiente. Agora, com as mãos ásperas, o pesquisador escreve sobre as experiências corporais e passa a entender melhor a exposição teórica referente à adaptação ao clima quente e úmido e sua associação ao esforço, ao mesmo tempo em que cobiça um copo de água gelada, quando, em temperatura de 35°C ou 37°C, o suor banha seu corpo e a única fonte natural mais próxima é o rio ou, simplesmente, um recipiente armazenador, o qual se coloca à sombra para evitar o aquecimento. À noite, à luz de lamparina e sob as picadas dos carapanãs, rever os escritos enquanto o corpo, ainda aquecido e com o desconforto muscular, traz à memória os desafios enfrentados no dia de sol fugitante.

Dessa forma, eleger as práticas corporais – cultivo do solo, extrativismo da caça, pesca e produtos da floresta – como objeto de estudo da educação física é o grande desafio, pois ela pode contribuir para a explicação das questões de adaptação ao esforço físico e ao clima. Mas, diga-se de passagem, pouca repercussão teria no debate acadêmico e na sociedade se fosse tratada apenas por esse viés. Portanto, associar tais práticas às discussões sociais, culturais e ambientais, principalmente

no momento em que essas comunidades aos poucos se instrumentalizam, provocando a morte do saber fazer e a ressignificação do ambiente, como um meio de exploração e externalização da superioridade humana, alcança, sem sombra de dúvida, maior conotação.

No momento em que a discussão ambiental questiona a racionalidade econômica e, por conseguinte, a apropriação da natureza pela instrumentalização na seqüência da lógica do progresso e exige urgência na mudança de atitude com relação ao meio ambiente, justifica-se captar informações de espaços "longínquos" do Amazonas e apresentar ao leitor como a população existente nesse microuniverso amazônico se relaciona com o meio ambiente, da mesma forma que instiga os especialistas à reflexão, na condição de que a atividade diária é uma coisa e a educação física é outra. Mas onde cabe a educação física numa população em que as práticas diárias exigem grande empenho corporal? Sem dúvida, há pontos de convergência, mas as regras não podem ser as mesmas.

Body practicings in an amazonian agricultural environment

ABSTRACT: The present work aims to study the body practicings – the practice of cultivating land, the extraction from fishing, hunting and products from the jungles – in rural communities of Boa Vista do Ramos that is located about 17 hours by boat from Manaus. These practicings are developed on the land and in the water based on a natural and cyclical time. The ethnografical procedures, with participant research, photographs and chats allowed us to understand how the man interact with the environment, developing activities from low to moderate intensity, continuous or intermittent, in the search of a better quality of life. It shows the adaptation to the hot and humid weather and the relation between the man and the environment.

KEY WORDS: Body practicing; environment; physical education.

Las prácticas corporales en un ambiente agrícola amazônico

RESUMEN: El actual trabajo tiene como objeto de estudio las prácticas corporales – cultura de la tierra y del extrativismo de pescados, caza y los productos de los bosques – de una comunidad agrícola de Boa Vista de los Ramos, cerca de 17 horas de viaje en barco desde Manaus. Las prácticas se desarrollan en el ambiente terrestre y acuático, basado en un tiempo natural y cíclico. Los procedimientos etnográficos, con la investigación participante, las fotografías y las charlas habían permitido captar como los hombres se relacionan con su ambiente, desarrollando actividades de intensidad baja a moderada, continua o intermitente, en la búsqueda de una calidad de vida mejor. Revela la importancia de la adaptación al clima cálido y húmedo.

PALABRAS CLAVES: Cabo práctico; ambiente; educación física.

REFERÊNCIAS

- CANEIRO, J. M. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos: sociedade e agricultura*, UFRRJ, n. 11, out. 1998.
- D'OLNE CAMPOS, M. Fazer o tempo e o fazer do tempo: ritmos em concorrência entre o ser humano e a natureza. *Revista Ciência e Ambiente*, Santa Maria: Ijuí, n. 8, p. 9-33, jan./jun. 1994.
- ELIAS, N. *O processo civilizador I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOLADORI, G.; TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, out. 2004.
- FOSS, M. L.; KETEYIAN, S. J. *Bases fisiológicas do exercício e do esporte*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LASKER, G. W. Human biological adaptability: the ecological approach in physical anthropology. *Science*, n. 166, p. 1.480-1.486, 1969.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- MATOS, G. C. G. de. *Atividades corporais: uma estratégia de adaptação biocultural comunidade rural do Amazonas*. Tese (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- MAUSS, M. *Sociologia e antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi Strauss*. São Paulo: EPU, 1974.
- McARDLE, W. D.; KATCH, F. I.; KATCH, V. *Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- McELROY, A.; TOWNSEND, P. K. Cultural and individual adaptation. In: _____. *Medical anthropology*. Massachusetts: Duxbury, 1979. p. 100-109.
- MORAN, E. F. O estudo da adaptação humana em ecossistemas amazônicos. In: NEVES, W. A. (Org.). *Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia*. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991.
- _____. *Adaptabilidade humana: uma introdução à antropologia ecológica*. São Paulo: Edusp, 1994.
- POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. *Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho*. São Paulo: Manole, 2000.

SCHAFER, R. M. O mundo dos sons. *Correio da Unesco*, n. 4, p. 4-8, jan. 1977.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TUAN, Yi-Fu. *Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

WAGLEY, C. *Uma comunidade amazônica*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

WEINECK, J. *Biologia do esporte*. São Paulo: Manole, 1991.

WEISS, M. L.; MANN, A. E. *Human biology and behavior: an anthropological perspective*. Little: Brown and Co. Boston, 1981.

WILMORE, J. H.; COSTILL, D. L. *Fisiologia do esporte e do exercício*. São Paulo: Manole, 2001.

Recebido: 28 set. 2006

Aprovado: 19 dez. 2006

Endereço para correspondência
Gláucio Campos Gomes de Matos
Rua A, 80, Quadra E, Conj. Shangri-lá VII – Parque Dez
Manaus-AM
CEP 69054-741